

FREIDA McFADDEN

NUNCA MINTAS

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Para a minha família.

Prólogo

ADRIENNE

Toda a gente mente. Há alguns anos, foi concebida uma experiência psicológica para avaliar a prevalência do comportamento falso, envolvendo uma máquina de venda automática avariada.

Os participantes foram informados de que a máquina de venda automática estava a funcionar mal. Se introduzissem um dólar, a máquina avariada deixaria cair um doce, mas devolver-lhes-ia também o dinheiro. Os participantes que utilizaram a máquina constataram que isto era, de facto, verdade. Tiraram um, dois, três ou até quatro doces gratuitos, ao mesmo tempo que recuperaram o dinheiro.

Havia um cartaz disposto na máquina de venda automática. Dizia: «Para comunicar qualquer avaria nesta máquina, é favor ligar para este número.» Sem que os participantes soubessem, o número indicado pertencia a um dos investigadores do estudo.

Adivinhem quantos dos participantes ligaram para esse número para avisar que a máquina estava avariada.

Zero.

Isso mesmo. Nem um de entre as dezenas de participantes foi suficientemente honesto para ligar para o número e dar conhecimento da avaria da máquina. Pegaram todos nos seus doces gratuitos e seguiram caminho.

Como disse, toda a gente mente.

Existem muitos sinais fáceis de identificar que alguém está a mentir, sobretudo se se tratar de um mentiroso pouco competente. Enquanto psiquiatra experiente, estou intimamente familiarizada com esses sinais. É quase demasiado fácil detetá-los.

Os mentirosos não conseguem parar quietos.

O tom da sua voz ou os seus padrões de discurso alteram-se.

Os mentirosos oferecem demasiada informação, tagarelando com excesso de pormenores, para se convencerem ou aos outros daquilo que estão a dizer.

Foram desenvolvidas máquinas para reconhecer e identificar estes padrões. No entanto, até o melhor detetor de mentiras tem uma margem de erro de 25 por cento. Sou muito mais precisa do que isso.

Se apenas se ouvir as gravações dos encontros com os meus pacientes, nem sempre dá para perceber. Nelas, perdem-se as importantes pistas visuais. Evitar o contacto visual, por exemplo, ou cobrir a boca ou os olhos. Mas, se forem um dos meus pacientes, sentado no meu gabinete a falar comigo, posso ver-vos o rosto e os gestos e ouvir o timbre da vossa voz.

Saberei a verdade. Sei sempre.

Nunca me mintam.

1

TRICIA

PRESENTE

E stamos irremediavelmente perdidos, e o meu marido recusa-se a admiti-lo. Não posso dizer que seja um comportamento atípico do Ethan. Casámos há seis meses – ainda somos praticamente recém-casados –, e, 90 por cento do tempo, ele é o marido perfeito. Conhece os restaurantes mais românticos da cidade, ainda me surpreende com flores e, quando me pergunta pelo meu dia, ouve realmente a minha resposta e faz perguntas de seguimento apropriadas.

Nos outros 10 por cento, porém, é tão teimoso, que me dá vontade de gritar.

– Falhaste a saída para Cedar Lane – digo-lhe. – Passámo-la, tipo, há uns oitocentos metros.

– *Nãoo*. – Uma veia assustadora projeta-se do pescoço do Ethan. – É mais à frente. Não a passámos.

Solto um bufar de frustração, enquanto aperto as indicações impressas para a casa em Westchester, cortesia da nossa agente imobiliária, a Judy. Sim, temos GPS, mas ficámos sem rede há cerca de dez minutos. Agora, a única coisa que nos pode guiar são estas indicações escritas. É como viver na Idade da Pedra.

Bem, o Ethan queria algo remoto. Vai ter aquilo que desejou.

A pior parte é que está a *nevar*. Começou há algumas horas, quando íamos a sair de Manhattan. Nessa altura, eram floquinhos brancos adoráveis, que se evaporavam ao tocar no solo. Ao longo da última hora, quadruplicaram de tamanho. Já não são adoráveis.

Agora que saímos da autoestrada, esta via mais deserta e estreita está coberta de neve. E não é como se o Ethan conduzisse uma carrinha. O *BMW* tem uns bancos de cabedal cosidos à mão maravilhosos, mas só tem tração dianteira, e ele também não é assim tão incrivelmente competente a conduzir na neve. Se derrapássemos, provavelmente nem saberia se devia virar para o lado *da* derrapagem ou para o lado *contrário*. (Para o lado da derrapagem, certo?)

Como que seguindo a deixa, o *BMW* derrapa numa mancha de gelo lamacento. Os dedos do Ethan ficam brancos no volante. Consegue endireitar o veículo, mas sinto o meu coração a palpar. A neve está a ficar muito má. Encosta à beira da estrada e estende-me a mão.

– Deixa-me ver as indicações.

Obedientemente, estendo-lhe o papel ligeiramente amarrotado. Quem me dera que ele me tivesse deixado conduzir. O Ethan jamais admitiria que sou melhor a orientar-me do que ele.

– Acho que passámos a saída, Ethan.

Olha para a folha com as indicações digitadas e, em seguida, semicerra os olhos ao para-brisas. Mesmo com os limpa-para-brisas a toda a velocidade e os máximos ligados, a visibilidade é horrível. Agora que o sol se pôs, só conseguimos ver uns três metros à frente. Para lá disso, vê-se apenas branco puro.

– Não. Sei como lá chegar.

– Tens a certeza?

– Devias ter visto o tempo antes de nos fazermos à estrada – resmungo ele, em vez de responder à minha pergunta.

– Talvez devêssemos voltar para trás? – Enfio as mãos entre os joelhos. – Podemos ver a casa noutra altura.

Como quando não houver uma maldita tempestade de neve a alastrar-se do lado de fora do carro.

O meu marido vira a cabeça e fulmina-me com o olhar, como se eu tivesse perdido o juízo.

– Trícia, estamos no carro há quase *duas horas* para chegar aqui. Agora que estamos a uns dez minutos de distância é que queres *dar meia-volta e ir para casa?*

Essa é outra coisa que aprendi sobre o Ethan nos seis meses desde que casámos. Quando mete na cabeça a ideia de fazer algo, não desiste até estar feito. Suponho que possa ver isso como algo bom. Não quereria estar casada com um homem que deixasse um monte de projetos inacabados espalhados pela casa.

Ainda estou a conhecer o Ethan. Todas as minhas amigas me repreenderam por casar com ele tão depressa. Conhecemo-nos num café um dia – eu tropecei e entornei a minha bebida mesmo ao lado da sua mesa, e ele insistiu em pagar-me uma nova.

Foi uma daquelas situações de amor à primeira vista. Ao vê-lo, apaixonei-me profundamente pelo cabelo louro raiado por madeixas ainda mais louras. Os olhos azuis eram da cor do céu num dia límpido e margeados por pestanas claras. O nariz romano forte impedia-o de ser demasiado bonito. Quando me sorriu, fiquei perdida. Passámos as seis horas seguintes juntos, a partilhar um café; depois, nessa mesma noite, levou-me a jantar fora. Nessa noite, acabei tudo com o meu namorado de há mais de um ano, explicando e desculpando-me que tinha conhecido o homem com quem ia casar.

Nove meses depois, casei-me com o meu Romeu do café. Agora, seis meses passados, vamos mudar-nos para os subúrbios. Toda a nossa relação tem avançado de forma rápida.

Mas, até agora, sem arrependimentos. Quanto mais sei sobre o Ethan, mais me apaixono por ele. E ele sente o mesmo em relação a mim. É tão incrível partilhar a minha vida com ele.

Exceto o único e grande segredo que ainda não lhe contei.

– Tudo bem – digo. – Vamos procurar a casa.

O Ethan passa-me a folha com as indicações e volta a pôr o *BMW* em marcha.

– Sei exatamente para onde ir. É já ali à frente.

Estou para ver.

Desta vez, conduz mais devagar, tanto por causa da neve como para evitar falhar a saída, que tenho a certeza de que já falhou há uns oitocentos metros. Mantenho também os olhos na estrada, apesar de o para-brisas estar agora coberto de neve. Tento evocar pensamentos quentes e secos.

– Ali! – exclama o Ethan. – Estou a vê-la!

Inclino-me para a frente no banco, retesando o cinto de segurança. Está a *vê-la*? A ver *o quê*, ao certo? Estará a usar uns óculos de neve ou de visão noturna invisíveis? Porque tudo o que eu vejo é neve, seguida de mais neve, e, para lá *dessa* neve, escuridão. Mas então ele abranda, e vejo, de facto, um pequeno caminho que dá para uma zona arborizada. Os máximos do carro iluminam uma placa quase obscurecida pela neve. Mal consigo distinguir as palavras, quando ele vira com um pouco de velocidade a mais.

Cedar Lane.

Quem diria? O Ethan tinha razão desde o início. Tinha a certeza de que já tinha passado a saída para Cedar, mas ele não. É aqui mesmo. Agora que estamos na estrada pequena e estreita para a casa, temo que o *BMW* não vá conseguir lá chegar. Ao olhar para o rosto do meu marido, consigo perceber que tem a mesma preocupação. O caminho até à casa mal está pavimentado e encontra-se coberto de neve.

– Devíamos dizer à Judy para ser rápida a mostrar-nos a casa – digo. – Não queremos ficar aqui presos.

O Ethan acena com a cabeça em concordância.

– Tenho de ser sincero. Queria algo remoto, mas isto é de loucos. Quer dizer, é como se estivéssemos no meio de...

Interrompe-se a meio da frase. Imagino que fosse salientar que estamos no meio de nenhures. Mas, antes que possa dizer as palavras, fica boquiaberto. A casa tornou-se finalmente visível.

E é inacreditável.

A listagem no *site* da Judy referia que tinha dois andares, além de um sótão, mas essa descrição não faz justiça a esta propriedade vasta. Os tetos devem ser extremamente altos, pois o telhado

empinado de duas águas parece arranhar o céu, carregado de neve. Os flancos da casa estão repletos de janelas em ogiva, que lhe dão um aspeto mais de catedral do que de lugar onde vive gente. O Ethan estava completamente boquiaberto.

– Uau – murmura ele. – Consegues imaginar *viver* num sítio assim?

Posso só conhecer o meu marido há pouco mais de um ano, mas reconheço a expressão que lhe vejo no rosto. Não é uma pergunta retórica. *Quer* viver nesta casa. Arrastámos a coitada da Judy por metade da região de Westchester e de Long Island, porque nenhuma das casas que vimos correspondia totalmente à imagem que o Ethan tinha em mente. Mas agora...

– Gostas? – pergunto.

– Não achas que é fantástica? Quer dizer, olha só para isto.

Abro a boca para concordar com ele. Não posso negar que esta casa é linda. É enorme, elegante e remota – tudo aquilo que procurávamos. É um lar perfeito para encher de filhos, que é o nosso objetivo final. Quero dizer ao Ethan que adoro a casa tanto como ele. Que, quando a Judy chegar, devíamos fazer uma oferta imediata.

Mas não posso.

Ao olhar para esta propriedade extensa, apodera-se de mim uma sensação de náusea tão forte, que me faz tapar a boca e respirar fundo, para me impedir de vomitar o almoço em cima dos estofos caros do *BMW*. Nunca antes me senti assim. Em nenhuma das dezenas de casas vazias que visitámos ao longo dos últimos meses. Nunca tive um pressentimento tão forte.

Algo terrível aconteceu nesta casa.

– Oh, merda – diz o Ethan.

Volto a expirar com esforço, repelindo outra vaga de náuseas. É então que me apercebo de que parámos de circular. As rodas da frente giram com determinação, mas não adianta. O carro está encalhado.

– As estradas estão demasiado escorregadias – diz ele. – Não temos tração.

Abraço-me a mim mesma e estremeço, apesar de o aquecimento estar no máximo.

– O que fazemos?

– Bem... – Estende o braço para limpar alguma da condensação no para-brisas. – Estamos bastante perto da casa. Podemos ir a pé.

Para ele, é fácil de dizer isso. Não está a usar umas botas *Manolo Blahnik*.

– Além disso, parece que a Judy já chegou – acrescenta o Ethan.

– A sério? Não vejo o carro dela.

– Sim, mas as luzes estão acesas. Deve ter estacionado na garagem.

Semicerco os olhos, olhando para a casa através do para-brisas embaciado. Ao olhar com mais atenção, consigo ver uma única luz a brilhar numa das janelas do piso de cima. Que estranho. Se uma agente imobiliária estivesse a mostrar uma casa, não acenderia as luzes de *baixo*? O primeiro andar da casa está completamente às escuras. Só está acesa aquela luz no piso superior.

Mais uma vez, estremeço.

– Anda – diz o Ethan. – Ficamos melhor lá dentro. Não é como se pudéssemos passar a noite no carro. Ficávamos sem gasolina e morríamos congelados.

Não é um pensamento apelativo. Começo a arrepender-me de toda esta viagem. Em que estava eu a pensar ao vir aqui? Mas o Ethan adora a casa. Talvez tudo isto acabe por resultar.

– Está bem – digo. – Vamos lá.